

### Quarto de despejo: uma genealogia da favela

Aline de Souza Barreto  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: alinesbarreto@gmail.com

Cássio Roberto Borges da Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: cassioroberto.borges@uesb.edu.br

146

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Biopoder. Racismo de Estado. Favela

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa estuda o funcionamento dos mecanismos de poder que emergem no relato de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*. O livro, lançado em 1960, coloca em cena uma mulher negra e pobre que desnuda a vida na favela do Canindé, em São Paulo.

Mobilizamos os conceitos de *biopoder* e *racismo de Estado*, discutidos, em 1976, por Michel Foucault, no curso denominado *Em defesa da Sociedade* (2005) e apropriados, posteriormente, por Achille Mbembe, em “Necropolítica” (2016). Mobilizamos também o conceito de *genealogia*, concebido como convergência paradoxal entre conhecimentos marginalizados e saberes formais. Nesse sentido, a escrita de Carolina de Jesus emerge como uma voz dissonante, como uma forma inusitada de resistência à opressão racial.

A pesquisa justifica-se pela pertinência de seu objeto, *Quarto de Despejo*, para a compreensão do funcionamento das relações de força na sociedade brasileira, particularmente, para a caracterização dos papéis sociais sob a perspectiva de uma ordem estruturalmente racista. A análise focaliza, inicialmente, a favela: uma aglomeração habitacional popular, tipicamente brasileira, produto de desdobramentos pós-abolicionistas. Consideraremos, mais especificamente, a favela do Canindé, nos idos dos anos 1950, tematizada pela literatura de Carolina Maria de Jesus.

Realização:



Apoio:



## METODOLOGIA

A pesquisa tem natureza bibliográfica e utiliza como *corpus* a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Seu objetivo precípua é analisar como os conceitos de *racismo de Estado* e *biopoder* podem ser mobilizados em uma legibilidade crítica da obra de Carolina Maria de Jesus.

Para alcançar tal objetivo, utilizamos, até o momento, como arcabouço teórico-metodológico, os seguintes autores: Foucault (2005); Mbembe (2016); Almeida, Almeida e Silva (2022) e Silva e Santos Filho (2023).

147

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foucault elabora, em 1976, o conceito de *biopoder*, afirmando que vida e morte se situam no campo do poder político, sem, contudo, estabelecer entre si uma relação simétrica. O *biopoder* ou o poder de “fazer viver e deixar morrer” emerge como uma nova técnica de gestão das populações, uma técnica baseada em aspectos biológicos da vida: o homem enquanto ser vivo e enquanto espécie. Se, por um lado, o interesse dos governos em prolongar a vida evidencia-se com o desenvolvimento das sociedades industriais a partir do século XVIII, por outro, nesse mesmo momento, vem à tona a questão a propósito da exposição de partes dessa população à morte.

Nesse sentido, empreendemos exame de alguns mecanismos de poder que operam no “quarto de despejo” da sociedade brasileira, como diz Carolina Maria de Jesus: “Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (Jesus, 2020, p. 40).

As favelas são espaços habitacionais desordenados, com alta densidade demográfica e, geralmente, carentes de serviços públicos essenciais. Esses lugares, herança do regime escravocrata brasileiro, abrigam, até os dias atuais, uma população de maioria negra. O livro de Carolina de Jesus efetua reflexões contundentes sobre a condição das pessoas negras que vivem em um contexto de favela, como vemos no trecho a seguir:

Realização:



Apoio:



No outro dia encontraram o pretinho morto. [...] Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. [...] De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operários (Jesus, 2020, p. 43).

A emergência do *biopoder* inseriu o racismo, ou melhor, um novo funcionamento do racismo, nos dispositivos de Estado, promovendo uma hierarquização de vidas humanas e realizando um corte entre grupos populacionais. O *racismo de Estado*, nesse sentido, extrapola o domínio de uma ideologia racista, ele tem como função precípua realizar uma fragmentação no interior do contínuo biológico da vida. O inimigo é o outro — biológico, político, interno — e deve ser eliminado.

Nesse ínterim, convém considerar as reflexões sobre o racismo elaboradas por Achille Mbembe em sua releitura de Foucault, para ele: “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possível as funções assassinas do Estado.” (Mbembe, 2016, p. 128). A essa licença para matar, Mbembe dá o nome de *necropolítica*.

Mbembe (2016) considera a escravidão e a própria estrutura do mundo colonial como as primeiras instâncias de experimentação da *biopolítica*. Ao tratar a escravidão e a colonização, o autor discute temas relevantes para as reflexões sobre a formação da sociedade brasileira. Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914, neta de pessoas escravizadas (Azeredo, 2018), com escritos datados nos anos de 1950 (apenas seis décadas depois da abolição da escravatura), tem uma obra fortemente marcada pelos vestígios da herança escravocrata brasileira, como podemos observar no trecho a seguir:

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 2020, p. 101).

Para Achille Mbembe (2016): “O sentido violento da vida de um escravo se manifesta pela disposição de seu supervisor em se comportar de forma cruel e descontrolada e no espetáculo de dor imposto ao corpo do escravo. Violência, aqui, torna-se um elemento inserido na etiqueta.” (Mbembe, 2016, p. 132). Compulsando os trechos da obra de Carolina de Jesus e do ensaio do filósofo camaronês, percebemos que, na

Realização:



Apoio:



sociedade brasileira pós-abolição, a violência contra o corpo negro permanece na “etiqueta social”. No caso em questão, a violência é perpetrada não mais pelo senhor de escravos ou seus capatazes, mas por um agente de Estado.

É exatamente no momento identificado por Foucault (2005) como propício à insurgência dos saberes sujeitados, nos anos de 1960, que se publica *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A escrita oralizada de Carolina de Jesus transcendeu as convenções literárias da época, entrelaçando lirismo e denúncia social. Nesse sentido, a obra pode ser lida sob o prisma da *genealogia*, uma vez que, situando-se em uma perspectiva marginalizada, atua incisivamente no enfrentamento de posições sociais hegemônicas. A intersecção entre a obra aqui estudada e a genealogia de Foucault nos convida a refletir sobre a sociedade brasileira no momento da publicação de *Quarto de despejo*; nos convida a refletir sobre os dispositivos que tendem a acolher, extraordinariamente, saberes dissonantes.

## CONCLUSÕES

Como já mencionado, a pesquisa se encontra em andamento, por isso, se não temos ainda conclusões definitivas, podemos, contudo, levantar algumas considerações hipoteticamente relevantes. Identificamos alguns pontos de contato entre a metodologia subversiva de Foucault e a escrita marginal de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A análise realizada revela a produtividade dos conceitos de *biopoder*, *racismo de Estado* e *necropolítica* na análise da escrita “menor” de Carolina Maria de Jesus. Podemos, desde já, afirmar que a obra não apenas expõe as complexas dinâmicas de poder que, envolvendo questões raciais, permeiam as favelas brasileiras, como também desafia as narrativas oficiais, ao dar voz a uma autora literalmente marginalizada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. J.; ALMEIDA, J.; SILVA, C. R. B. Biopoder e Tanatopolítica: micropoder e soberania em Foucault e Agamben. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 13, p. 767-786. 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9960/6684>. Acesso em: 20 out. 2023.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Realização:



Apoio:



JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. **Arte & Ensaios**, [s. l.], n. 32, p. 123-51, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em 14 out. 2023.

SILVA, C. R. B.; SANTOS FILHO, A. F. Foucault e Mbembe: Biopoder, Necropolítica e Etnia. **Cadernos Cajuína – Revista Interdisciplinar**, [s. l.], v. 8, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/107>. Acesso em: 15 out. 2023.

Realização:



Apoio:

